

Dendeicultura e capitalismo: o processo de trabalho assalariado na monocultura do dendê¹

Oil palm cultivation and capitalism: the wage labor process in oil palm monoculture

Marlon Kauã Silva Cardoso*

<https://orcid.org/0000-0003-2019-5119>

Tânia Guimarães Ribeiro**

<https://orcid.org/0000-0003-1683-3659>

Dalva Maria Mota***

<https://orcid.org/0000-0003-0027-5162>

Resumo

As economias do dendê na Indonésia e no Brasil foram endossadas por iniciativas estatais de caráter neodesenvolvimentistas que buscaram especializar essas regiões em atividades neoextrativistas, fornecedoras de bens de consumo primários. Nesse sentido, este artigo busca analisar o trabalhado assalariado na monocultura do dendê no Brasil à luz de reflexões realizadas em estudos sobre o tema na Indonésia (país que lidera a produção de dendê no mundo). Realizou-se, para isso, uma pesquisa de caráter qualitativo e quantitativo entre os trabalhadores rurais assalariados de Igarapé-Açu/PA, combinado com literatura que traz evidências sobre o trabalho assalariado na Indonésia. As informações apontam para um processo de trabalho lesivo aos próprios trabalhadores com: acidentes de trabalho, problemas relacionados à saúde, exposição a produtos químicos, extensão da jornada de trabalho.

Palavras chaves: trabalho agrícola; assalariados rurais; neoextrativismo; trabalhadores.

* Doutorando em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Pará. E-mail: marlonka.mk@gmail.com

** Doutora em Ciências Humanas (Sociologia) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia e da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará. E-mail: ptolomeu@gmail.com

*** Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Pesquisadora da Embrapa Amazônia Oriental. Professora do Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Familiares da Universidade Federal do Pará. E-mail: dalva.mota@embrapa.br

¹ Pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Abstract

The oil palm economies in Indonesia and Brazil were supported by neo-developmental state initiatives that sought to specialize these regions in neo-extractive activities, suppliers of primary consumer goods. In this sense, this article seeks to analyze wage labor in oil palm monoculture in Brazil in light of reflections made in studies on the subject in Indonesia (the country that led the production of oil palm in the world). To this end, a qualitative and quantitative survey was conducted among wage-earning rural workers in Igarapé-Açu/PA, combined with literature that provides evidence on wage labor in Indonesia. The information points to a work process that is harmful to the workers themselves, with: work accidents, health-related problems, exposure to chemicals, and extended working hours.

Keywords: agricultural labor; rural wage earners; neo-extractivism; workers.

Introdução

A economia do dendê foi territorializada na Amazônia oriental e na Indonésia a partir de incentivos estatais e de promessas neodesenvolvimentistas como geração de emprego, inclusão de agricultores familiares à cadeia de produção do dendê, desenvolvimento sustentável, geração de renda e riqueza.

No nordeste paraense, o dendê foi induzido por políticas públicas federais, o Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB), em 2004, que buscava combinar a expansão do dendê com o suporte ao desenvolvimento da agricultura familiar, com a conservação da floresta e a geração de energia limpa. Em 2010, com o Programa de Produção Sustentável de Óleo de Palma (PSOP), que, por conta dos problemas sociais e ambientais criados pelo dendê, buscou regular a sua expansão, concedendo linhas de créditos para diferentes tipos de agricultores com relação com a dendicultura, além de assistência técnica e zoneamentos agroecológico².

Na Indonésia, por sua vez, foi a política colonial que estabeleceu as condições para a expansão dos cultivos das empresas de dendê, a exemplo de instrumentos jurídicos alçados pelo Estado: a Lei de 2007, que considera a necessidade de promover uma sociedade justa e próspera com um crescimento econômico nacional contínuo; a Lei de 2014, que afirma que os recursos naturais, contidos em territórios da Indonésia, seriam uma dádiva do Deus Todo-Poderoso para serem explorados e usados para a prosperidade do povo;

²MOTA, Dalva Maria, et al. Does oil palm contract farming improve the quality of life for family farmers in the Brazilian Amazon. *ETFRN News*, v. 59, 2019.

e a lei de 2020, Lei Omnibus, que, na promessa de gerar empregos através da Palma, reformulou as leis fundiárias, laborais e ambientais para facilitar o investimento do capital estrangeiro³.

Grosso modo, as experiências com o dendê no Brasil e na Indonésia guardam heranças coloniais porque buscam transformar essas economias em exportadoras de commodities através de atividades. Caracterizamos as duas experiências como uma atividade neoextrativista, apesar dos contextos diferentes, visto que se adequam a uma versão contemporânea do extrativismo. A economia extrativista pressupõe que se pode chegar ao desenvolvimento através do modelo extrativista. O desenvolvimento, amparado na extração de commodities, aceita danos ambientais e sociais em troca de supostos benefícios para toda a coletividade nacional. As divisas obtidas a partir da exportação endossam o salto modernizador buscando um futuro desenvolvimento que nunca chega⁴.

Dessa forma, o objetivo deste artigo é analisar o trabalhado assalariado sob influência da monocultura do dendê, atividade neoextrativista no Brasil, à luz de reflexões realizadas em estudos sobre o tema na Indonésia, maior exportadora de dendê do mundo. Em 2019, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos divulgou um balanço segundo o qual a produção de óleo de palma bruto na safra 2018-2019 chegou a 73,4 milhões de toneladas em todo o mundo. Nesse relatório, a economia do dendê dos países Indonésia (41, milhões de toneladas) e Malásia (20,5 milhões de toneladas) dominam 84,4% desse setor⁵. Nossa discussão, nesse sentido, seguirá o eixo teórico de uma sociologia marxista que analisa dialeticamente a atividade humana. Essa sociologia estuda os indivíduos humanos em suas relações sociais historicamente determinadas⁶. Para Marx, a singularidade do trabalho humano é o processo entre homem e natureza na qual, usando sua força de trabalho, ele modifica a natureza ao mesmo tempo que modifica a ele mesmo. Os aspectos fundamentais desse processo de trabalho são: 1) a atividade orientada a um

³ LI, Tania Murray; SEMEDI, Pujo. *Plantation life: corporate occupation in Indonesia's oil palm zone*. Duke University Press, 2021.

⁴ ACOSTA, Alberto. *Extrativismo e neo extrativismo: Duas faces da mesma maldição*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2022. SVAMPA, Maristella. *As fronteiras do neoextrativismo na América Latina: conflitos socioambientais, giro ecoterritorial e novas dependências*. São Paulo: Editora Elefante, 2019. 186. SVAMPA, Maristella. Consenso de los commodities y lenguajes de valoración en America Latina. *Revista Nueva Sociedad*, [S. l.], n. 244, mar./abr. 2013. GAGO, Verônica; Mezzadra, Sandro. Para una crítica de las operaciones extractivas del capital. *Nueva Sociedad*. n. 255, 2015.

⁵ ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO; MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO (Org). *Cadeia produtiva do óleo de palma avanços e desafios rumo à promoção do trabalho decente: análise situacional*. 2020. p. 25.

⁶ LEFEBVRE, Henri. *Marxismo*. Porto Alegre: L&PM pocket, 2009. p. 62-76.

fim, o trabalho em si mesmo; 2) o objeto de trabalho, a natureza que se trabalha; 3) os meios ou instrumentos de trabalho, ou a natureza já modificada⁷.

Todavia, no capitalismo o processo de trabalho aparece como “estranho”⁸ aos próprios trabalhadores. Esse estranhamento mencionado por Marx é, na verdade, a alienação sem a qual o capitalismo não conseguiria dominar e subordinar o processo de trabalho. Assim, o capitalismo pode ser visualizado como uma forma de controle sociometabólico, sobre a natureza e o trabalho, que desconhece fronteiras territoriais e se expande em escala global; dessa forma o capital é “[...] essa estrutura ‘totalizadora’ de controle à qual tudo o mais, inclusive os seres humanos, deve se ajustar, e assim provar sua ‘viabilidade produtiva’”⁹.

Metodologia

Para analisar o trabalhado assalariado sob influência da monocultura do dendê utilizamos literatura sobre o trabalho assalariado na Indonésia e dados primários sobre os trabalhadores assalariados em igarapé-Açu no norte paraense. O artigo está dividido em duas partes. Na primeira, tratamos das relações de trabalho assalariadas na monocultura do dendê da Indonésia, e a segunda sobre o trabalho assalariado em Igarapé-Açu/PA.

O tema do trabalho na dendicultura na Amazônia oriental tem sido pouco estudado. A maioria dos artigos, dissertações e teses, por nós reunidos, tratam da situação do trabalho rural relacionado aos agricultores familiares, indígenas e quilombolas¹⁰. Por esse motivo, procuramos na literatura internacional amparo teórico para a comparação entre a realidade por nós estudada, e a realidade dos trabalhadores assalariados da Indonésia.

A pesquisa de campo foi realizada em dois períodos. No primeiro, em fevereiro de 2020 e em abril de 2021, quando realizamos entrevistas com os

⁷ MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: livro 1: o processo de produção do capital*. ed. 2. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 255.

⁸ MARX, Karl. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 86-87.

⁹ MÉSZÁROS, István. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo, 2011. p. 96.

¹⁰ FERREIRA, Vanilda Araújo et al. *As influências socioeconômicas e ambientais da cadeia produtiva do dendê no desenvolvimento local do Baixo Tocantins*. 2016; MONTEIRO, Marcílio de Abreu et al. *Habitus, governanças institucionais e trajetórias tecnológicas: uma análise sociológica do espaço, o caso da expansão do óleo de palma (dendê) no Vale do Acará, Pará*. 2017; SANTOS, Amanda Rayana da Silva et al. *Conflitos socioambientais, capital e dendicultura: as estratégias das empresas de dendê e suas contradições na Amazônia paraense*. 2018; MOTA, Dalva Maria da; NASCIMENTO, Diocélia Antônia Soares do; SCHMITZ, Heribert. *Mulheres com contratos de integração para a produção de dendê no Pará: redefinindo relações de gênero?*. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, v. 58, p. e192796, 2020.

trabalhadores contratados pelos produtores rurais associados à Palmasa, em Igarapé-Açu/PA. A segunda etapa ocorreu entre setembro de 2023 e dezembro de 2023, na qual entrevistamos os trabalhadores assalariados contratados diretamente pela Palmasa.

Os trabalhadores entrevistados trabalham na colheita do dendê. Realizamos entrevistas com questionários junto a 18 trabalhadores contratados pelos produtores rurais associados à Palmasa e, destes, entrevistamos 7 em profundidade.

Por outro lado, aplicamos questionários e realizamos 11 entrevistas com os trabalhadores rurais assalariados contratados pela Agrocomercial Marajoara Ltda (empresa que administra as terras da Palmasa). Vale ressaltar que as entrevistas foram realizadas no local de trabalho dos trabalhadores assalariados contratados pela Palmasa e na casa dos trabalhadores contratados pelos produtores rurais.

No total foram entrevistados 29 trabalhadores assalariados. Os dados foram analisados a luz da literatura.

Trabalho assalariado na dendeicultura e processo de trabalho, algumas aproximações entre Amazônia oriental e Indonésia

Os estudos brasileiros sobre as relações de trabalho, na dendeicultura, nos últimos anos, basearam-se sobretudo na análise da integração da agricultura familiar à cadeia de produção do dendê. Tratam-se de pesquisas que apontam as características e os problemas da agricultura por integração à monocultura. Esses arranjos produtivos foram impulsionados pelo PNPB e pelo PSOP e encontram-se em municípios como São Domingos do Capim, Tomé-Açu, Acará, Concórdia do Pará, Irituia, Garrafão do Norte, Tailândia e Moju, no Estado do Pará¹¹.

A integração de agricultores familiares na produção de dendê no Brasil começou no início dos anos 2000, no município de Moju. A primeira tentativa foi estimulada pelo Projeto Novo Pará, financiado pelo governo do estado. Já a segunda deu-se através do PNPB, para estimular a produção de biodiesel. O PSOP forneceu apoio estrutural à produção de dendê, através da criação do Zoneamento Agroecológico¹².

¹¹ MOTA, Dalva Maria, et al. *A agricultura familiar e a produção de dendê por contrato no Nordeste paraense*. Belém: UFPA, 2022.

¹² MOTA, Dalva Maria, et al. Does oil palm contract farming improve the quality of life for family farmers in the Brazilian Amazon. *ETFRN News*, v. 59, 2019. p. 3.

Os motivos que levaram os agricultores a assinatura dos contratos foram, na maioria dos casos, econômicos: esperança de rendimento, acesso ao crédito rural, melhores tratos culturais, oportunidades de trabalho para as famílias dos agricultores permitindo-lhes que continuem agricultores. Por exemplo, segundo um estudo, em Irituia, Moju e Garrafão do Norte, a maioria dos agricultores sentiram que as suas vidas melhoraram, com base em maiores rendimentos e na forma como se sentem. Todavia, alguns permanecem insatisfeitos com as cláusulas contratuais, com os baixos rendimentos relativos ao trabalho e o medo de não conseguirem pagar suas dívidas com o crédito rural¹³.

Portanto, pode-se dizer que a agricultura por integração está relacionada ao PNPB onde existe, de forma predominante, uma relação entre agricultores familiares e empresas dendêcolas: “a integração é uma relação na qual os agricultores familiares têm contrato com uma agroindústria para fornecer os cachos de dendê. As empresas compram o produto dos agricultores familiares e fornecem a estes assistências e capacitação técnicas”¹⁴.

A monocultura do dendê, do ponto de vista da produção acadêmica, é objeto de controvérsia. Existem autores que a interpretam como possibilidade de desenvolvimento econômico, na Amazônia Oriental, desde que ela leve em consideração a unidade doméstica do campesinato, proletarizado¹⁵, e as relações de reciprocidade que beneficiem as famílias camponesas¹⁶, gerando renda e atentando-se a questão ambiental¹⁷. O dendê é visto, desta perspectiva, como um “diabo” de dupla face¹⁸, que ora produz e reproduz o trabalho penoso e ora fortalece a agricultura familiar. Ou seja, aceita-se a possibilidade de um desenvolvimento a partir da Palma, do capitalismo, desde que sensível a questão camponesa, ambiental e social: “O dendê poderia ser um vetor de desenvolvimento sustentável no meio rural Amazônico? Poderia,

¹³ MOTA, Dalva Maria, et al. Does oil palm contract farming improve the quality of life for family farmers in the Brazilian Amazon. *ETFRN News*, v. 59, 2019. p. 4-6.

¹⁴ MOTA, Dalva Maria, et al. *A agricultura familiar e a produção de dendê por contrato no Nordeste paraense*. Belém: UFPA, 2022. p. 2.

¹⁵ SOUSA, Rafael Benevides. Quando o trabalhador assalariado é camponês: um estudo dos agricultores camponeses nos campos de dendê no nordeste paraense. *Campo-Território: revista de geografia agrária*, v. 14, n. 32, p. 28-52, 2019. p. 49.

¹⁶ SOUSA, Claudiane de Fátima Melo de. *Será mesmo o diabo? Expansão da dendêcultura e o campesinato na Amazônia Paraense*. Dissertação de mestrado. Belém: Universidade Federal do Pará. 2014. p. 20.

¹⁷ CRUZ, B. E. V.; ROCHA, G. M. O Dendê como projeto de estado: uma alternativa econômica, social e ecológica para a Amazônia. In: *XI ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA*. Bogotá. 2007. p. 17.

¹⁸ SOUSA, Claudiane de Fátima Melo. *Será mesmo o diabo? Expansão da dendêcultura e o campesinato na Amazônia Paraense*. Dissertação de mestrado. Belém: Universidade Federal do Pará. 2014. p. 142-143.

mas nos moldes que vem sendo implementado e nas condições que está se desenvolvendo, não”¹⁹.

Contudo, como nos lembrava Marx, em diálogo crítico com a economia política inglesa: “É possível que o capitalista, instruído pela economia vulgar, diga que adiantou seu dinheiro com a intenção de fazer mais dinheiro. Mas o caminho para o inferno é pavimentado com boas intenções”²⁰. Não se pode pressupor, portanto, o desenvolvimento econômico, através da Palma, esquecendo-se que seu domínio sobre o processo de trabalho busca, enquanto modo de produção capitalista, fundamentalmente, a extração de mais-valor, seja ele em forma de renda da terra ou retirado diretamente da jornada de trabalho²¹, ou mesmo da destruição da natureza ao transformá-la,, assim como os homens, em mercadorias, por meio dos cercamentos, do moinho satânico²².

Assim, nossa pesquisa alinha-se com estudos que analisam a economia da Palma do dendê como atividade produtiva capitalista que causa a descampeneização dos agricultores familiares, refletido na perda de terras e na queda da produção de culturas não permanentes, como a mandioca²³, sobre proletarização de jovens agricultores familiares para trabalharem sob condições de penosidade na parte agrícola e industrial das empresas de dendê²⁴, bem como, na discussão sobre transformação espacial de seus territórios e paisagens, anteriormente atravessados por igarapés e roças de mandiocas, atualmente cercados pelas palmeiras do dendê²⁵ – na destruição dos igarapés, como no caso do rio Uesugi, afluente do Rio Igarapé-Açu, que, por conta da monocultura da Palma do dendê, possui desvios em seu canal que acarretam na poluição presentes da nascente à foz do rio, o desmatamento das matas ciliares que acaba provocando a erosão e o assoreamento do rio; em épocas

¹⁹ SOUSA, Cláudiane de Fátima Melo. *Será mesmo o diabo? Expansão da dendeicultura e o campesinato na Amazônia Paraense*. Dissertação de mestrado. Belém: Universidade Federal do Pará. 2014. p. 155.

²⁰ MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: livro 1: o processo de produção do capital*. ed. 2. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 268.

²¹ MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: livro III: o processo global da produção capitalista*. ed. 1. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 676

²² POLANYI, Karl. *A grande transformação*. ed. 2. Rio de Janeiro: Editora campus, 2000. p. 52.

²³ NAHUN, J. S. BASTOS, C. S. Dendeicultura e descampenização na Amazônia paraense. *CAMPOTERRITÓRIO: Revista de geografia agrária*, v. 9, n. 17, p. 469-485, 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/23628>>. Acesso: 16 set. 2020.

²⁴ MONTEIRO, M. A. De camponês a assalariado agrícola: impactos da expansão de e dendê na Amazônia. In: BAHIA, M. C. & MARTINS, D. (ORGs). *Estado, sistemas produtivos e populações tradicionais*. Belém: NAEA, 2014, p. 221-242. p. 235.

²⁵ CARVALHO, Ana Cláudia Alves. *As metamorfoses do trabalho e no espaço a partir da dendeicultura em Tomé-Açu (PA)*. Dissertação de mestrado. Belém: Universidade Federal do Pará, 2016. p. 94-97.

de chuvas, principalmente, o adubo químico, o gesso, o calcário, são levados para dentro dos igarapés²⁶.

Em se tratando do trabalho assalariado, entretanto, há poucas referências e buscando suprir essa lacuna, optamos por comparar as evidências que apontam para as condições do trabalho assalariadas na dendicultura na Indonésia com a nossa pesquisa. Embora não possamos estabelecer uma comparação na mesma escala, entre a experiência em Igarapé-Açu, município do estado do Pará, e a Indonésia, dado os diferentes contextos, os exemplos empíricos deste país, tratados na literatura, nos possibilitam aproximar a situação dos trabalhadores na economia do dendê. No Brasil o estudo se refere a uma empresa privada, já na Indonésia à empresas estatais, contudo, a situação dos trabalhadores rurais nas províncias de Sumatra do Norte, e na divisão de processamento de óleo de palma da PTPN XIV, na Indonésia, ao utilizarem organizações do trabalho com baixa complexidade tecnológica (quase manuais), nos possibilitam refletir sobre algumas questões que os casos, em afinidade, colocam a nível global: as monoculturas, como a do dendê, podem ser sustentáveis social e ambientalmente, ou reproduzem o ideal do progressismo, aviltando natureza e pessoas?

A Indonésia produz 50% da oferta mundial de óleo de Palma, sendo grande parte dele – cerca de 60% – exportada para a Índia onde o produto é popularmente utilizado na cozinha. As corporações do dendezeiro na Indonésia defendem sua expansão com base no discurso da eficiência produtiva, que postula as plantações massivas e modernas, como as de óleo de palma, como as que alimentam o mundo²⁷. Contudo, segundo as autoras, não é a agronomia ou a eficiência produtiva que dita o domínio da dendicultura na Indonésia, mas sim a política colonial: “the political economy, political technology and the order of impunity that characterizes Indonesia’s political milieu”²⁸.

Por sua vez, do ângulo geral do trabalho, existe nas plantações de dendê da Indonésia o mito do trabalhador preguiçoso. Os funcionários do governo, os administradores e outros trabalhadores comuns, acham-se culturalmente superiores aos aldeões indonésios. Por outro lado, do ângulo da organização do trabalho assalariado, existe nas plantações de dendê uma divisão do

²⁶ LIMA, Keite Silva et al. Recursos hídricos e monocultura de palma: a problemática socioambiental no caso do Rio Uesugi, Em Igarapé-açu (Pará/Brasil). *Revista GeoAmazônia*, v. 7, n. 13, 2019.p. 142-167. p. 163.

²⁷ LI, Tania Murray; SEMEDI, Pujo. *Plantation life: corporate occupation in Indonesia's oil palm zone*. Duke University Press, 2021.

²⁸ LI, Tania Murray; SEMEDI, Pujo. *Plantation life: corporate occupation in Indonesia's oil palm zone*. Duke University Press, 2021. p. 13.

trabalho simples, sem mecanização, onde os trabalhadores capinam, fertilizam e colhem as palmeiras manualmente²⁹. Esse trabalho, por seu turno, carrega consigo vários aspectos de penosidades além do fato desses trabalhadores não serem sindicalizados.

O trabalho assalariado na Indonésia possui variações quanto as condições de trabalho dos trabalhadores da parte industrial, do administrativo, e da agricultura. Os pesquisadores Panjaitan, Hasibuan e Effendi, buscaram conhecer a influência da capacitação dos colaboradores, da cultura organizacional, da remuneração e ambiente de trabalho no desempenho dos funcionários nas plantações dendê da indonésia. Os resultados da pesquisa demostram que o empoderamento dos funcionários afeta positivamente e negativamente o desempenho dos funcionários³⁰.

Segundo pesquisadores, com base em evidências, o ambiente de trabalho contribui positivamente para o desempenho dos funcionários. O estudo também demonstra que a capacitação dos colaboradores tem um efeito significativo no desempenho dos funcionários, quanto mais capacitados, melhor o desempenho. Além disso a remuneração salarial, por ser elevada, também afeta de forma positiva no desempenho dos trabalhadores³¹.

Dessa forma, os funcionários da parte administrativa das plantações de dendê possuem um melhor desempenho em seu trabalho porque possuem maior qualificação e uma alta remuneração salarial. Essa situação contrasta com as condições de trabalho assalariado na parte agrícola da monocultura do dendê, estudado pelos autores.

A pesquisa realizada por Amiruddin, juntamente com outros pesquisadores, aponta que quanto melhor o ambiente de trabalho, maior será a capacidade de trabalho dos colaboradores, funcionários, assalariados, da parte industrial, do setor agrícola e do escritório. Todavia, segundo essa pesquisa, nos plantios de dendê existem problemas relacionados à idade; trabalhadores com mais de 45 anos sentem-se cansados mais rapidamente do que os

²⁹ LI, Tania Murray; SEMEDI, Pujo. *Plantation life: corporate occupation in Indonesia's oil palm zone*. Duke University Press, 2021. p. 21-31

³⁰ PANJAITAN, Andri Putra; HASIBUAN, Syahbuddin; EFFENDI, Ihsan. The Effect of Employee Empowerment, Organizational Culture, Compensation, and Work Environment on Employee Performance in PT. Perkebunan Nusantara III. *International Journal of Accounting, Management, Economics and Social Sciences (IJAMESC)*, v. 1, n. 4, p. 453-464, 2023.

³¹ PANJAITAN, Andri Putra; HASIBUAN, Syahbuddin; EFFENDI, Ihsan. The Effect of Employee Empowerment, Organizational Culture, Compensation, and Work Environment on Employee Performance in PT. Perkebunan Nusantara III. *International Journal of Accounting, Management, Economics and Social Sciences (IJAMESC)*, v. 1, n. 4, p. 453-464, 2023.

trabalhadores mais jovens. O trabalho é realizado predominantemente por homens, por conta de sua capacidade física. O salário, por sua vez, é aumentado conforme a produção o que incentiva os trabalhadores a tentarem produzir o máximo de bens possíveis³².

Desse modo, na parte agrícola das plantações de dendê da Indonésia, existem problemas relacionados a idade, saúde, gênero, e instabilidade salarial. A pesquisa realizada por Ismail, em uma unidade de plantação na área da Regência de Simalungun, propriedade de uma empresa estatal na província de Sumatra do Norte, da Indonésia, possui achados importantes sobre o trabalho assalariado na monocultura do dendê, que reforçam a existência de aspectos negativos no processo de trabalho assalariado da parte agrícola. Os pesquisadores analisaram três grupos de trabalhadores: os da indústria; os do escritório; e o da agricultura³³.

A pesquisa aponta para elementos que se repetem em todos esses grupos de trabalhadores assalariados, a saber: 1) que uma situação desarmônica surge sobre a renda variável e remuneração insuficiente; 2) que existe uma disparidade de rendimentos através de horas extraordinárias dos trabalhadores da agricultura que provoca fadiga, incômodo e sobrecarga.; 3) existe uma harmonia entre os trabalhadores da agricultura, e de desarmonia entre os trabalhadores da indústria e do escritório; 4) a desarmonia entre os trabalhadores do escritório e da indústria ocorre, na verdade, quando o tempo de qualidade com a família é reduzido devido à longa jornada de trabalho, especialmente em horários adicionais³⁴.

Segundo pesquisadores, as características do ambiente de trabalho, nas plantações de dendê, em Sumatra Oriental (agora Sumatra do Norte) não mudaram desde a colonização da Indonésia pelos Holandeses. O ambiente ou atmosfera de trabalho está relacionado com a situação do trabalhador ocasional: com baixos salários, falta de segurança no emprego e ausência de garantias para o trabalhador, com baixo salário³⁵.

³² AMIRUDDIN, A. et al. The relationship between work environment and work culture with the work capacity of the employees of the oil palm processing division of PTPN XIV. In: IOP Conference Series: Earth and Environmental Science. IOP Publishing, p. 01-05, 2021.

³³ ISMAIL, Rizabuana et al. Distinction on location and work contentment: QWL study on palm oil plantation, Indonesia. 2018.

³⁴ ISMAIL, Rizabuana et al. Distinction on location and work contentment: QWL study on palm oil plantation, Indonesia. 2018. p. 1.

³⁵ ISMAIL, Rizabuana et al. Distinction on location and work contentment: QWL study on palm oil plantation, Indonesia. 2018. p. 2.

Ainda em relação ao trabalho assalariado, do ponto de vista da técnica, 64,3% dos funcionários do escritório afirmaram usar ferramentas tecnológicas sofisticadas, 56,4% na agricultura, por sua vez, afirmaram não fazer uso de ferramentas desse tipo. Além disso, os trabalhadores da parte agrícola possuem um trabalho pesado por conta do manuseio de ferramentas manuais como a foice, que exige deles enorme esforço³⁶.

Sobre os riscos, os trabalhadores da parte agrícola possuem um nível mais elevado que os da fábrica, embora estes últimos estejam sob o risco de trabalhar até a morte. Na agricultura os trabalhadores enfrentam adversidades como radiação solar, manutenção das colheitas e plantas, bem como, acidentes de trabalho³⁷.

Além disso, em relação a jornada de trabalho, os trabalhadores do corte e da coleta do dendê tem seu tempo com a família reduzido, haja vista que em períodos de safra eles cumprem horas extras para o corte e coleta de frutas frescas, ao contrário do trabalhador do escritório que tem o trabalho de realizar apenas um relatório, mensalmente, sobre as atividades desenvolvidas nesse período³⁸.

Dessa forma, esses elementos qualitativos relacionados ao trabalho assalariado na monocultura do dendê na Indonésia permitem vislumbrar uma negação no processo imediato do trabalho ao próprio trabalho que deixa de pertencer e enriquecer o trabalhador para o empobrecer e alienar: “Primeiro, que o trabalho é externo (*äußerlich*) ao trabalhador, isto é, não pertence ao seu ser [...], mas nega-se ele, que não se sente bem, mas infeliz, que não se desenvolve nenhuma energia física ou espiritual livre, mas mortifica suas *physis* e arruína o seu espírito”³⁹.

Trabalho assalariado em Igarapé-Açu/Pa

A dendeicultura em Igarapé-Açu/Pa

O nosso locus de pesquisa é Igarapé-Açu (Mapa 1), município do nordeste paraense, com área territorial de 785.983 km³, contabilizando a população de

³⁶ ISMAIL, Rizabuana et al. *Distinction on location and work contentment: QWL study on palm oil plantation, Indonesia*. 2018. p. 5.

³⁷ ISMAIL, Rizabuana et al. *Distinction on location and work contentment: QWL study on palm oil plantation, Indonesia*. 2018. p. 7.

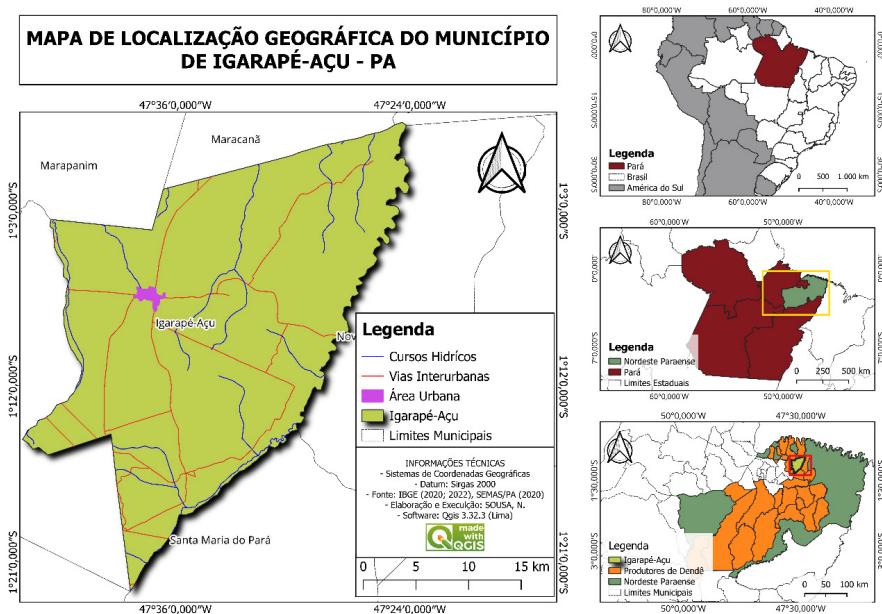
³⁸ ISMAIL, Rizabuana et al. *Distinction on location and work contentment: QWL study on palm oil plantation, Indonesia*. 2018. p. 7.

³⁹ MARX, Karl. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 82-83.

38.807 pessoas, com a densidade demográfica de 45,2 %, e índice de desenvolvimento humano municipal (IDHM) de 0,595⁴⁰. Os plantios de dendê do município estão vinculados a única agroindustrial da cidade: PALMASA S.A.

No município, as atividades dos plantios de dendê são recentes. A fundação da Palmasa acontece por conta da imigração japonesa para Igarapé-Açu, que começa nos idos de 1960, cujo início das construções civis datam 1º de janeiro de 1987. Em 15 de janeiro de 1988, a Agroindustrial PALMASA LTDA, transforma-se em AGROINDUSTRIAL PALMASA S.A, possuindo como acionistas: a AGROCOMERCIAL VERDE-AÇU Ltda (empresa comercial da colônia japonesa), com atividades mercantis e rurais⁴¹.

Mapa 1 - Mapa do município de Igarapé-açu (2023)



A dendicultura em Igarapé-Açu, territorializada pelos imigrantes japoneses, não comporta a integração de agricultores familiares e ocorre exclusivamente por meio do trabalho assalariado. Ou seja, a agroindustrial

⁴⁰ IBGE. *Dados sobre a população de Igarapé-Açu*. 2021.

⁴¹ PALMASA. *Histórico da Palmasa*. 2019.

Palmasa, que iniciou suas atividades a partir da década de 1980, recebe os cachos dos próprios japoneses filiados a agroindustrial e, por isso, dispensa o fornecimento de cachos pelos agricultores familiares:

Sobre a integração de agricultores familiares a empresas de dendê, a EMATER local elaborou projetos para 22 famílias, mas não conseguiram financiamento junto aos bancos (Banco do Brasil e BASA). Para os técnicos da EMATER, isso aconteceu porque a PALMASA não apoiou os projetos de financiamento, por não ter interesse na integração com agricultores familiares e, portanto, não assumiu o compromisso de garantia de compra da produção, inviabilizando os projetos⁴².

Assim, como observam os autores, apesar do esforço da Emater para organizar um projeto de integração para 22 famílias não houve financiamento junto aos Bancos do Brasil e BASA, nem mesmo apoio da agroindustrial Palmasa que não assumiu o compromisso de garantia de compra da produção familiar.

Dessa forma, o arranjo predominante em Igarapé-Açu apresenta-se como uma relação associativa. A relação social “associativa” é definida por Weber assim:

Uma relação social denomina-se “relação associativa” quando e na medida em que a atitude na ação social repousa num ajuste ou numa união de interesses racionalmente motivados (com referência a valores ou fins). A relação associativa, como caso típico, pode repousar especialmente (mas não unicamente) num acordo racional, por declaração recíproca. Então a ação correspondente, quando é racional, está orientada: a) de maneira racional referente a valores, pela crença no compromisso próprio; b) de maneira racional referente a fins pela expectativa da lealdade da outra parte⁴³.

Desse modo, entre os produtores rurais de dendê em Igarapé-Açu predomina a união de interesses, pactuados ou verbalizados, racionalmente motivados com referência a valores, a confiança nos “parceiros” que fornecem os cachos somente para a agroindústria Palmasa desde sua fundação, e

⁴² SILVA, Edfranklin Moreira da; NAVEGANTES-ALVES, Lívia. A ocupação do espaço pela dendeicultura e seus efeitos na produção agrícola familiar na Amazônia Oriental. Confins. *Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia*, n. 30, 2017. p. 17.

⁴³ WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia comprensiva*. ed. 4. Brasília: Universidade de Brasília, 2015. p. 25.

racionalmente motivados com referência a fins, que corresponde a busca pelo lucro através da comercialização dos cachos para serem processados na parte industrial da agroindústria. Essa relação associativa, portanto, ocorre apenas entre médios e grandes produtores rurais de dendê dispensando, dessa forma, a integração de agricultores familiares⁴⁴.

A relação associativa, entre produtores rurais e a Palmasa, pode ser visualizada na forma como o seu arranjo produtivo está estruturado. A Agroindustrial possui sua cadeia produtiva dividida em três eixos: 1) campo/agrícola, onde é feito o cultivo e a coleta dos cachos de dendê, por parte dos doutores rurais e dos plantios próprios da Palmasa, sob a administração da agrocomercial Majoara Ltda⁴⁵; 2) a comercialização na qual, através de tratores e caminhões, é feita a comercialização e o transporte dos cachos de dendê até a indústria; 3) e a indústria, responsável pelo beneficiamento do dendê, recebido do campo, e de sua transformação em óleo de amêndoas e óleo de palmiste⁴⁶.

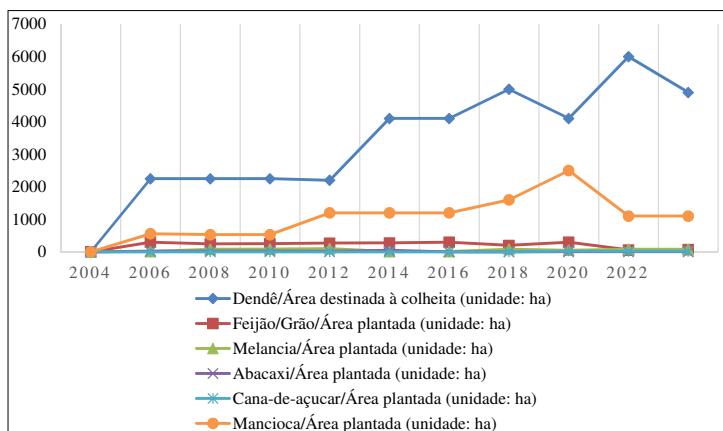
Essa agricultura por associação entre médios e grandes produtores rurais de dendê, com a Palmasa, embora não tenha o hábito de adquirir terras de agricultores familiares, tem realizado, em Igarapé-Açu, uma concentração fundiária, como demonstra o gráfico 1, com forte impacto sobre as agriculturas não permanentes no município.

⁴⁴ CARDOSO, M. K. S. *A dendicultura em Igarapé-Açu/PA: um olhar sobre as relações de trabalho que tipificam o trabalhador rural na Agroindustrial Palmasa*. Dissertação de mestrado. Belém: Universidade Federal do Pará, 2024. p. 82-97.

⁴⁵ A agrocomercial Majoara Ltda é uma empresa, subsidiária da Palmasa, que administra os plantios da agroindústria.

⁴⁶ PALMASA. *Histórico da Palmasa*. 2019.

Gráfico 1 - Dendê/área destinada à colheita (unidade: ha) e culturas não permanentes/área plantada (unidade: ha) em Igarapé-Açu/Pa (2023).



Fonte: Elaborado pelo elaborado pelos autores com base nas informações do: IBGE. *Dados sobre culturas permanentes e não permanentes*. 2022. 2023.

Assim, existe um declínio das terras destinadas a agriculturas não permanentes como a mandioca, o feijão, o grão, em detrimento de terras destinadas ao cultivo do dendê.

Além disso, vale ressaltar que as evidências dos trabalhadores assalariados subsumidos a este arranjo produtivo encontrado em Igarapé-Açu assemelham-se as evidências do trabalho assalariado nas plantações de dendê da Indonésia. Em nossa pesquisa, as evidências foram obtidas a partir do contato com dois grupos de trabalhadores assalariados sob influência da dendeicultura, em sua parte agrícola. De um lado, os assalariados contratados pelos produtores rurais, e os assalariados empregados pela própria Palmasa através da Agrocomerical Marajoara LTDA que administra suas terras. Ambos os grupos sociais são de trabalhadores assalariados rurais.

O trabalho assalariado em Igarapé-Açu/PA

O quadro 1, demonstra o perfil socioeconômico de trabalhadores rurais assalariados contratados como força de trabalho pelos produtores rurais que fornecem cachos de dendê para a agroindustrial Palmasa.

Quadro 1 - Perfil socioeconômico dos trabalhadores rurais contratados pelos produtores rurais - agroindustrial Palmasa (2023)

INDICADORES	VALORES
Nº de trabalhadores que responderam ao questionário	18
% de pessoas que autodeclararam gênero	Masculino: 100% Feminino: 0%
Intervalo de idade	29 anos à 67 anos
nº de filhos	1 à 6
% de pessoas que autodeclararam cor/raça	Preto: 5% Branco: 0% Pardo: 95%
% de escolaridade	Ensino fundamental: 95% Ensino médio: 5% Ensino superior: 0% Não declararam: 0%
% sobre local de moradia	Zona rural: 0% Zona urbana: 100%
Média salarial	R\$1.212 à R\$2.414
Jornada de trabalho	8 horas diárias e 45 horas semanais
% de pessoas que possuem posse/propriedade de terras	Possuem: 0% Não possuem: 100%
% de pessoas com renda exclusiva originada na atividade do dendê	Economia do dendê: 100% Outras economias: 0%
% de pessoas que possuem filiação em sindicatos, partidos ou movimentos sociais	possui: 10% não possui: 90%

Fonte: elaborado pelo autores. 2023.

Os dados demonstram que se trata de uma força de trabalho predominantemente do gênero masculino, parda, com baixa escolaridade de residência na zona urbana porque não possuem a propriedade da terra. Suas jornadas são de 8 horas com salários que dependem da produtividade, mas que mesmo

Dendeicultura e capitalismo: o processo de trabalho assalariado na monocultura do dendê

assim não alcançam dois salários-mínimos (2024). E com baixa filiação a organizações sociais ou partidárias.

O quadro 2, por outro lado, demonstra o perfil socioeconômico de alguns trabalhadores rurais assalariados contratados como força de trabalho pela Agrocomercial Marajoára Ltda da própria agroindustrial Palmasa.

Quadro 2 - Perfil socioeconômico dos trabalhadores rurais contratados pelos produtores rurais - Agrocomercial Marajoára Ltda (2023)

INDICADORES	VALORES
Nº de trabalhadores que responderam ao questionário	11
% de pessoas que autodeclararam gênero -	Masculino: 100% Feminino: 0%
Intervalo de idade	23 anos à 46 anos
Nº de filhos	1 a 6
% de pessoas que autodeclararam cor/raça	Preto: 27% Branco: 10% Pardo: 63%
%de escolaridade	Ensino fundamental: 10% Ensino médio: 81% Não declararam: 9%
% sobre local de moradia	Zona rural: 81% Zona urbana: 9%
Média salarial -	R\$1.212 à R\$2.414
Jornada de trabalho	8 horas diárias e 45 horas semanais
% de pessoas que possuem posse/propriedade de terras	Possuem: 0% Não possuem: 100%
% de pessoas com renda exclusiva originada na atividade do dendê	Economia do dendê: 100% Outras economias: 0%
% de pessoas que possuem filiação em sindicatos, partidos ou movimentos sociais	possui: 0% não possui: 100%

Fonte: elaborado pelos autores. 2023.

Neste segundo caso temos um quadro similar ao anterior, no que diz respeito a autodeclaração de gênero, trabalho predominantemente masculino, e a de cor/raça, sendo majoritariamente parda, no que pese, 27% dos entrevistados serem pretos. Aqui, predominam pessoas com ensino médio, diferenciando-se do caso anterior, mas a jornada de trabalho e ganho salarial são as mesmas. Curiosamente, nenhum dos entrevistados é afiliado a organizações políticas, indicando a falta de adesão a formas de participação.

Analizando as entrevistas com os trabalhadores rurais assalariados contratados pela Agrocomercial Marajoara Ltda, constatamos como ocorre a divisão do trabalho nos plantios de dendê. Geralmente são atividades manuais, de baixa complexidade tecnológica; como ilustrado no quadro 3. Nos plantios existem as seguintes atividades: a fitossanidade⁴⁷, responsável pelo tratamento de doenças nas plantas; o corte e a coleta do dendê, trabalho manual de poda e corte dos cachos do dendê; os tratoristas que laboram na roçagem, que preparam as áreas para a colheita; os tratoristas da adubação que despejam calcário⁴⁸, gesso⁴⁹ e adubo químico⁵⁰ no solo; e o carreamento que transporta os cachos de dendê dos campos da colheita até o veículo que o transportará até a fábrica.

Dessa forma, existe um trabalho relativamente simples nos plantios de dendê. Mesmo o trabalho realizado à máquina, é feito para trabalhos cotidianos como roçagem, adubação, carreamento. Contudo, nossos achados qualitativos evidenciam problemas relacionados a questão salarial, a jornada de trabalho, a saúde dos trabalhadores submetidos, muitas vezes à acidentes de trabalho, além também de constatarmos trabalhos realizados por trabalhadores já aposentados.

⁴⁷ Trabalho realizado para o tratamento de doenças nas plantas do dendê.

⁴⁸ O calcário faz a correção do HP do solo.

⁴⁹ O adubo químico é responsável por levar nutrientes que não se fazem presentes naturalmente no solo.

⁵⁰ O gesso é um condicionador material que proporciona a melhoria física, química e biológica do solo.

Quadro 3- Modalidades de trabalho nos plantios de dendê da Palmasa (2023)

Modalidades de Trabalho dos Boias-frias Contratados pela Palmasa	
TRABALHO À MÁQUINA (TRATOR)	TRABALHO MANUAL
Adubação: trabalho realizado à máquina responsável por despejar calcário, gesso e adubo químico no solo;	Fitossanidade: trabalho realizado manualmente para o tratamento de doenças em plantas;
Roçagem: trabalho realizado com o auxílio da máquina responsável pelo preparo das áreas da colheita;	Corte e coleta do dendê: trabalho manual que retira os cachos de dendê e poda a palmeira;
Carreamento: trabalho realizado a máquina responsável pelo transporte dos cachos de dendê dos campos da colheita até os caminhões de transporte;	Pela carteira de trabalho recebem um salário-mínimo podendo ultrapassarem esse valor por produtividade: quantidade de cachos retirados, de produtores visitados, etc.
Pela carteira de trabalho recebem dois salários-mínimos podendo ultrapassar pela produtividade: número de áreas limpas, número de áreas preparadas, quantidade de cachos transportados.	

Fonte: elaborado pelos autores. 2023.

Sobre a jornada de trabalho, os trabalhadores contratados pelos produtores rurais associados à Palmasa relataram que fazem horas extras, aos sábados e domingos, nos períodos normais de colheita, mas também na época de safra do dendê, onde necessita-se de mais mão de obra e mais tempo de trabalho para o corte e a coleta dos cachos:

“Oito horas, começa seis e meia e larga as onze horas, aí pega doze e meia para largar cinco horas. Tem férias. Aí chega final de ano, paga o décimo [...]. [O salário] é o mesmo do dendê [...]. Ai a gente trabalha todo o Domingo, às vezes sábado sempre de quatro em quatro pessoas”⁵¹.

Assim, os trabalhadores rurais realizam atividades extras, além das designadas durante a semana de trabalho. Outros problemas relacionados aos plantios, referem-se aos acidentes de trabalho. Os trabalhadores contratados pela Palmasa nos relataram que já sofreram acidentes de trabalho e

⁵¹ Trabalhador 1, contratado pelo produtor rural.

presenciaram outros mais com seus colegas. A maioria dos acidentes ocorre no momento do manuseio dos instrumentos de trabalhos cortantes, como a foice e o sacho, ou na retirada dos cachos de dendê cheios de espinhos:

“[Já teve acidente de trabalho?] Eu já tive já. Uns três acidentes. Sacho, eu estava colhendo com sacho, fui ajuntar a palha, aí o cipó trouxe o sacho, despercebido, ele pegou aqui na batata da perna, foi um dos acidentes mais graves que eu tive, né? [...]. [Qual os outros dois?] Os outros eu fui espistar o cacho assim, aí revelou e cortou a bota. O outro pegou parece que pegou foi só três pontos só. Agora quase não teve acidente não. [Já presenciou outros acidentes de trabalhos?] Já teve já, teve que socorrer. Estanca o sangue do camarada, põe no ônibus e leva pro hospital. Na hora perde muito sangue, né?”⁵².

Portanto, o entrevistado nos relata que sofreu três acidentes, todos eles no momento da colheita do dendê sendo o acidente com o sacho, que cortou sua perna, o mais grave entre eles. Nesse sentido, trata-se de um trabalho que coloca os trabalhadores sob o risco de acidentes envolvendo seus instrumentos de trabalho, mas também a problemas de saúde. Outro interlocutor, contratado para laborar nos plantios dendê da Palmasa, relata que sente desconforto com os produtos químicos, como calcário e gesso, utilizados nos plantios de dendê:

[...]. O químico dá alergia. Geralmente coça. E o calcário dá alergia no olho, geralmente coça. Químico é mais a longo prazo, né? Agora a coluna já sinto muito, pouco ruim [...]. A desvantagem é que trabalhar em trator mexe muito com a coluna, desgasta a coluna. Muito tempo sentado e pula muito, isso desgasta muito a coluna da pessoa”⁵³.

Em suma, o trabalho assalariado nos plantios de dendê em Igarapé-Açu, da mesma forma que o realizado pelos trabalhadores nos plantios de dendê em algumas regiões da Indonésia, apresentam evidências negativas como extensão da jornada de trabalho, acidentes de trabalho e problemas de saúde. Junta-se a isso, a reprodução no espaço da empresa, a falta de estratégias direcionadas a adequação física e produtiva dos trabalhadores idosos. Sobre esse aspecto, um de nossos entrevistados, com mais de 63 anos, nos disse que sente muita dor conta do trabalho propriamente dito nos plantios: “Rapaz, a

⁵² Trabalhador 2, contratado pela Agrocomerical Marajoara Ltda/Palmasa.

⁵³ Trabalhador 3, contratado pela Agrocomerical Marajoara Ltda/Palmasa.

gente já está velho, aí sente muita dor. Nas pernas principalmente. A gente anda muito. E ele é um serviço muito puxado. Puxado porque tudo é pesado, não é? Você vai puxar o cacho, aí é peso. Sem você vai embarcar, aí é peso também”⁵⁴.

No mais, da mesma forma que os trabalhadores assalariados da Indonésia, os assalariados contratados pela Palmasa, através da Agrocomerical Marajoara Ltda, e pelos produtores rurais a ela associados, também negam seu processo de trabalho. Assim, pode-se dizer que a monocultura do dendê em Igarapé-Açu, na Amazônia oriental, e nos exemplos da Indonésia, afirma-se enquanto atividade neoextrativista, mas é negada, pelas lentes dos trabalhadores, como uma economia que o explora, o empobrece, o domina e o subordina:

“[...] o capital o compra como trabalho vivo, como força produtiva universal de riqueza [...]. É claro, portanto, que o trabalhador não pode **enriquecer** [grifos do autor] por meio dessa troca [...]. Ao contrário, ele tem mais é que **empobrecer** [grifos nossos] [...], porque a força criativa de seu trabalho se estabelece perante ele como a força do capital, como **poder estranho** [grifos do autor]. Ele **aliena** [grifos do autor] o trabalho como força produtiva da riqueza; o capital apropria-se dele enquanto tal”⁵⁵.

Em suma, os processos de trabalhos assalariados na monocultura do dendê da Indonésia e na Amazônia oriental, assemelham-se, guardada as especificidades sócio-históricas, ao caso dos boias-frias estudados na década de 70/80, em São Paulo. Neste último caso, os boias-frias eram caracterizados sobretudo pela incerteza de seu trabalho, com contratos temporários, e trabalhos braçais. Contudo, os trabalhadores rurais assalariados de Igarapé-Açu possuem relações contratuais tanto temporárias quanto permanentes, e realizam trabalhos não só manuais, mas também à máquina⁵⁶.

Entretanto, tanto no caso do dendê da Indonésia, como demonstrado pelos estudos⁵⁷, e no caso de Igarapé-Açu, quanto no caso dos canaviais de

⁵⁴ Trabalhador 4, contratado pelo produtor rural.

⁵⁵ MARX, Karl. *Grundrisse: manuscritos econômicos 1857-1858: esboço crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, 2011. p. 240.

⁵⁶ D' INCAO E MELO, Maria Conceição. O “bóia-fria”: acumulação e miséria. ed. 3. Pretrópolis: Vozes, 1976. IANNI, Octávio. *Origens Agrárias do Estado Brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

⁵⁷ LI, Tania Murray; SEMEDI, Pujo. Plantation life: corporate occupation in Indonesia's oil palm zone. *Duke University Press*, 2021. PANJAITAN, Andri Putra; HASIBUAN, Syahbuddin; EFFENDI, Ihsan. The Effect of Employee Empowerment, Organizational Culture, Compensation, and Work Environment on Employee Performance In: PT. Perkebunan Nusantara III. *International Journal of Accounting, Management, Economics*

açúcar paulistas, existem negações nos processos imediatos do trabalho que empobrecem os trabalhadores e enriquecem as classes dominantes que se beneficiam da economia das grandes plantações.

Considerações finais

A dendicultura, como vimos, surgiu na Amazônia oriental e na Indonésia, como promessa desenvolvimentista para a geração de empregos, para o reflorestamento, para a inclusão de agricultores familiares à sua cadeia produtiva, para o desenvolvimento sustentável. Contudo, buscamos apontar a realidade concreta dos trabalhadores assalariados dessas monoculturas e propor uma comparação para ver a qualidade dessas atividades.

Na verdade, a monocultura do dendê é uma atividade neoextrativista predatória dos recursos naturais e, como nossa pesquisa demonstrou, traz consequências negativas aos trabalhadores rurais assalariados. Embora na Indonésia e na Amazônia esse grupo social, de assalariados, não seja sindicalizado, eles negam seu processo de trabalho porque este é lesivo a eles. Isto é, os trabalhadores passam a entender, pelas vias de suas experiências sociais, que essa atividade não os enriquece enquanto seres sociais; pelo contrário, retira deles e de seu trabalho qual sentido social.

O trabalho, nas monoculturas de dendê, como em qualquer outra atividade capitalista, possui, nesse sentido, um caráter alienador que não permite aos trabalhadores superá-lo em seu caráter objetificado/reificado. O trabalho, dessa forma, apresenta-se como mercadoria, e não como atividade humana, social, produtora de valor de uso.

Todavia, a própria consciência do trabalhador assalariado sobre os problemas de sua atividade – como instabilidade salarial, prolongamento da jornada de trabalho, exposição ao risco de acidentes, à sua saúde, à sua qualidade de vida, presente nos plantios de Igarapé-Açu/PA, na Amazônia oriental, e na Indonésia – já trazem, de forma implícita, a negação ao processo de trabalho capitalista: “[...] o autoconhecimento do trabalhador como mercadoria já

and Social Sciences (IJAMESC), v. 1, n. 4, p. 453-464, 2023. AMIRUDDIN, A. et al. The relationship between work environment and work culture with the work capacity of the employees of the oil palm processing division of PTPN XIV. In: IOP Conference Series: Earth and Environmental Science. IOP Publishing, p. 01-05, 2021. ISMAIL, Rizabuana et al. Distinction on location and work contentment: QWL study on palm oil plantation, Indonesia. 2018.

existe como conhecimento prático. Ou seja, este conhecimento realiza uma modificação objetiva e estrutural no objeto do seu conhecimento”⁵⁸.

Assim, é a luz da experiência social dos trabalhadores rurais assalariados que podemos compreender a negação do processo de trabalho. Tanto na Indonésia quanto no Brasil, em especial na Amazônia oriental, o trabalho assalariado é uma atividade atravessada por problemas sociais relacionados a saúde, ao tempo de trabalho e ao caráter cansativo para o trabalhador.

Referências

- ACOSTA, Alberto. *Extrativismo e neo extrativismo: Duas faces da mesma maldição*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2022.
- AMIRUDDIN, A. et al. The relationship between work environment and work culture with the work capacity of the employees of the oil palm processing division of PTPN XIV. In: IOP Conference Series: Earth and Environmental Science. IOP Publishing, p. 01-05, 2021.
- CARDOSO, M. K. S. A dendeicultura em Igarapé-Açu/PA: um olhar sobre as relações de trabalho que tipificam o trabalhador rural na Agroindustrial Palmasa. Dissertação de mestrado. Belém: Universidade Federal do Pará, 2024.
- D' INCAO E MELO, Maria Conceição. O “bóia-fria”: acumulação e miséria. ed. 3. Pretrópolis: Vozes, 1976.
- FERREIRA, Araújo Vanilda. As influências socioeconômicas e ambientais da cadeia produtiva do dendê no desenvolvimento local do Baixo Tocantins. Dissertação de mestrado. Belém: Universidade Federal do Pará, 2016.
- GAGO, Veronica; Mezzadra, Sandro. Para una crítica de las operaciones extractivas del capital. *Nueva Sociedad*. n. 255, 2015.
- IANNI, Octávio. *Origens Agrárias do Estado Brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- IBGE. Dados sobre a população de Igarapé-Açu. 2021. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/igarape-acu/panorama>>. Acesso: 25 dez. 2023.
- IBGE. Dados sobre culturas permanentes e não permanentes. 2022 Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/igarape-acu/panorama>. Acesso em 16. dez. 2023.

⁵⁸ LUKÁCS, Gyorgy. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2033. p. 342.

ISMAIL, Rizabuana et al. *Distinction on location and work contentment: QWL study on palm oil plantation, Indonesia*. 2018.

LEFEBVRE, Henri. *Marxismo*. Porto Alegre: L&PM pocket, 2009.

LI, Tania Murray; SEMEDI, Pujo. *Plantation life: corporate occupation in Indonesia's oil palm zone*. Duke University Press, 2021.

LUKÁCS, Gyorgy. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2033.

MARX, Karl. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: livro 1: o processo de produção do capital*. ed. 2. São Paulo: Boitempo, 2017.

MÉSZÁROS, István. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MONTEIRO, Marcílio de Abreu. *Habitus, governanças institucionais e trajetórias tecnológicas: uma análise sociológica do espaço, o caso da expansão do óleo de palma (dendê) no vale do Acará, Pará*. Tese de doutorado. Belém: Universidade Federal do Pará, 2017.

MOTA, Dalva Maria, et al. Does oil palm contract farming improve the quality of life for family farmers in the Brazilian Amazon. *ETFRN News*, v. 59, 2019.

MOTA, Dalva Maria; NASCIMENTO, Diocélia Antônia Soares do; SCHMITZ, Heribert. Mulheres com contratos de integração para a produção de dendê no Pará: redefinindo relações de gênero? *Revista de Economia e Sociologia Rural*, v. 58, p. e192796, 2020.

MOTA, Dalva Maria, et al. *A agricultura familiar e a produção de dendê por contrato no Nordeste paraense*. Belém: UFPA, 2022.

NAHUN, J. S; SANTOS, C. B. A dendeicultura na Amazônia paraense. Geusp – espaço e tempo, v. 20, n. 2, p. 281-294, mês. 2018. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/122591>>. Acesso: 21 abr. 2020.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO; MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO (Org). Cadeia produtiva do óleo de palma avanços e desafios rumo à promoção do trabalho decente: análise situacional. 2020. Disponível em: <https://www.ilo.org/sites/default/files/wcmsp5/groups/public/%40americas/%40roma/%40ilo-brasilia/documents/publication/wcms_817096.pdf>. Aceso: 30 nov. 2024.

Dendeicultura e capitalismo: o processo de trabalho assalariado na monocultura do dendê

PALMASA. Histórico da Palmasa. 2019. Disponível em: <https://www.palmasa.com.br/index.php/pt/historico>. Acesso: 16 dez. 2022.

PANJAITAN, Andri Putra; HASIBUAN, Syahbuddin; EFFENDI, Ihsan. The Effect of Employee Empowerment, Organizational Culture, Compensation, and Work Environment on Employee Performance in PT. Perkebunan Nusantara III. *International Journal of Accounting, Management, Economics and Social Sciences (IJAMESC)*, v. 1, n. 4, p. 453-464, 2023.

PASARIBU, Stephany I.; VANCLAY, Frank; ZHAO, Yongjun. Challenges to implementing socially-sustainable community development in oil palm and forestry operations in Indonesia. *Land*, v. 9, n. 3, p. 61, 2020.

SILVA, Edfranklin Moreira da; NAVEGANTES-ALVES, Lívia. A ocupação do espaço pela dendeicultura e seus efeitos na produção agrícola familiar na Amazônia Oriental. Confins. *Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia*, n. 30, 2017. Acesso: 16. mai. 2023. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/confins/11843>>. Acesso: 22. mai. 2023.

SVAMPA, Maristella. *As fronteiras do neoextrativismo na América Latina: conflitos socioambientais, giro ecoterritorial e novas dependências*. São Paulo: Editora Elefante, 2019. 186.

SVAMPA, Maristella. Consenso de los commodities y lenguajes de valoración en América Latina. *Revista Nueva Sociedad*, [S. l.], n. 244, mar./abr. 2013.

WEBER, Max, *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. ed. 4. Brasília: Universidade de Brasília, 2015.

Artigo recebido para publicação em 05/12/2024 e aprovado em 04/04/2025.